



A G .: D .: G .: A .: D .: U .:
Aug .: e Resp .: Loja Simb .:
Deus Justiça e Fraternidade, 5
Filiada à M.: R.: Grande Loja Maçônica do Estado do Maranhão

Comissão de Ritualística – Trabalho Maçônico 16/2007

A Origem do Balandrau na Maçonaria Brasileira

Tese de José Castellani (Publicado na revista A TROLHA nº 52 de fevereiro de 1991)

O substantivo masculino balandrau (da forma latina hipotética *balandra*), designa a antiga vestimenta, com capuz e mangas largas, abotoada na frente; designa também, certo tipo de roupa usada por membros de antigas confrarias, geralmente religiosas.

Embora alguns autores insistam em dizer que o balandrau não é veste maçônica, o seu uso remonta à primeira das associações de ofício organizadas (cujo conjunto é hoje chamado de *maçonaria de ofício*, ou Operativa), a dos “Collegia Fabrorum”, criada no século VI a.C., em Roma.

Segundo Steinbrenner, em “História da Maçonaria”, os collegiati, quando se deslocavam pela Europa, seguindo as legiões de soldados romanos, para reconstruir o que ia sendo destruído pelos conquistadores, portavam uma túnica negra. À semelhança deles, os membros das confrarias operativas dos francos-maçons medievais (século XIII em diante), quando viajavam para outras cidades, outros feudos ou outros países, usavam um balandrau negro.

Os que condenam o uso do balandrau costumam afirmar que o Maçom deveria apresentar-se nas Sessões das Lojas, vestindo terno preto, camisa branca, gravata, sapatos e meias pretas; isto é altamente discutível. Tome-se por exemplo as regiões quentes nos Estados Unidos, onde os Maçons costumam trabalhar em mangas de camisa, portando o avental, evidentemente, pois traje maçônico mesmo, é o avental, já que sem ele o Maçom é considerado nu.

Na realidade, discutir traje (além do verdadeiro traje, *que é o avental*), na Maçonaria, é o mesmo que discutir o sexo dos anjos, pois, sabendo-se que o traje



A G :: D :: G :: A :: D :: U ::
Aug :: e Resp :: Loja Simb ::
Deus Justiça e Fraternidade, 5
Filiada à M.: R.: Grande Loja Maçônica do Estado do Maranhão

Comissão de Ritualística – Trabalho Maçônico 16/2007

masculino sofre variações através dos tempos, variando, inclusive, de povo para povo, na mesma época, é evidente que não se pode determinar a maneira de trajar. É permitido, por exemplo, em qualquer lugar do mundo, o uso de roupas típicas para Maçons estrangeiros (o albornoz árabe, por exemplo), ou o uso de uniforme, por parte dos militares, desde que estejam, é claro, com seu avental maçônico.

A existência de traje a rigor para os Maçons, mostra grande dose de influência clerical, significando o traje como sinal de respeito, o que, realmente, é *inadmissível*, já que a consciência do Homem está em seu interior, e não na sua roupa. A Igreja, que é bastante conservadora, já tem abandonado esta exigência; com mais razão, deve fazê-lo a Maçonaria que, sendo evolutiva e progressista, não comporta anacronismos.

Que fique bem claro que traje maçônico é o avental, mas sob ele deve haver uma roupa decente; e o balandrau, como roupa decente, pode uniformizar o traje, o que é também, uma forma de mostrar a igualdade maçônica, evitando as ostentações do vestuário. E jamais nos esqueçamos que o balandrau já foi traje dos Maçons de Ofício.

Só é preciso ter em mente que o balandrau (que também é usado pelos Expertos, em algumas cerimônias) é veste talar, ou seja, deve se estender até os talões, ou calcanhares.